

humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA
MCMLXIX-LXX



GORDON WILLIAMS, **Eduard Fraenkel (1888-1970)**. From the **Proceedings of the British Academy**, vol. LVI, Londres, pp. 415-442, com 1 fotografia.

Um retrato de corpo inteiro, como só os ingleses sabem compor: o homem, as suas origens ancestrais, os hábitos que o formaram, os mestres que o ensinaram e modelaram, a sua vida familiar e os amigos, a actividade profissional e a obra literária, toda a sua humanidade, numa sugestiva comunicação de vinte e oito páginas, apresentada à Academia Britânica.

O Professor Gordon Williams, a propósito, recorda que Eduard Fraenkel, membro da Academia Britânica, desde 1941, resolveu em 1964 pedir que lhe riscassem o nome da lista dos académicos, sem qualquer justificação para o seu pedido a não ser a de que reflectira seriamente sobre a sua atitude e não estava disposto a revogá-la. Todavia, no ano seguinte, aceitou a «Kenyon Medal» (consagrada a trabalhos de Literatura e Arqueologia Clássicas) da mesma Academia.

O estudo sobre Fraenkel consta de três partes: na primeira, a sua carreira escolar; na segunda, a sua bibliografia; na terceira, uma descrição do seu físico e do seu psíquico, os hábitos pedagógicos, as simpatias ideológicas e as circunstâncias do seu falecimento, em 5 de Fevereiro de 1970.

Abre o opúsculo concisamente com esta declaração: «Eduard David Mortier Fraenkel was born on 17 March 1888 in Berlin of Jewish parents». Da sua carreira, seguindo G. Williams, podemos recordar alguns passos significativos. Assim, de 1897 a 1906 frequentou o Askanisches Gymnasium em Berlim; para fazer a vontade à família (seu tio, Hugo Heimann, editava obras jurídicas) estudou inicialmente Direito que logo abandonou a favor da Filologia Clássica, guardando, porém, um gosto pela História das Leis, que se reflectiu mais tarde em valiosos estudos sobre Direito Romano; passou então dois anos na Universidade da capital, onde foi aluno de Wilamowitz; esteve seguidamente em Göttingen até 1912 (ficando, todavia, um semestre em Berlim em 1910), e em Göttingen teve por mestre Friedrich Leo, cujos *Kleine Schriften* viria a editar em 1960. Outros professores, embora menos influentes na sua formação do que Wilamowitz e Leo, foram Schulze, Wackernagel, Diels, Ed. Mayer, Norden, Vahlen, Pohlenz e Reinach. Doutorou-se em 1912, com uma dissertação *De Media et Noua Comoedia Quaestiones Selectae*. Em 1917, foi nomeado «Privatdozent», na Universidade de Berlim, tornando-se em 1920 «Professor Extraordinarius». A publicação de *Plautinisches im Plautus* em 1922 fixou a sua reputação de classicista e, assim, em 1923, foi nomeado «Professor Ordinarius» na Universidade de Kiel, aí ensinando até 1928, ano em que publicou *Iktus und Akzent im lateinischen Sprechvers*. De Kiel transitou para Göttingen, onde se não sentiu

bem, e, em 1931, para Friburgo na Brisgóia. Aqui veio encontrá-lo a perseguição anti-judaica do Nazismo, forçando-o a estabelecer-se em Inglaterra, em 1938, primeiro em Cambridge e depois em Oxford.

Quando vagou a cátedra de Latim («Corpus Christi Professorship») em Oxford, a sua candidatura foi recomendada por alguns dos mais notáveis classicistas europeus. Entre os ingleses, contavam-se A. E. Housman, W. M. Lindsay, Hugh Last e C. M. Bowra.

Foi particularmente significativo, pela sua generosidade, o testemunho de W. M. Lindsay, cujas teorias, em pontos cruciais de Latim Arcaico, diferiam radicalmente das opiniões de Fraenkel. Transcrevo o texto citado pelo Prof. Gordon Williams: «I rank Eduard Fraenkel as the greatest Latin scholar (of his time of life) in the whole world, and cannot bring him to comparison with those who may be rival candidates for the Corpus Professorship. Among them he is a giant among pigmies. Before this unlucky 'Aryan paragraph' he was thought the likely successor to Norden in the Latin Chair at Berlin, the highest preferment for Latin Scholars of Germany...» (p. 422).

Em Oxford, no remanso da magnífica biblioteca pessoal, instalada em Corpus Christi College, escreveu o *Agamemnon* esquiliano em 3 vols., publicado em 1950. E já depois da aposentação em 1953, saiu o *Horace* (que dedicou a Corpus Christi College) em 1957. Entretanto, a pedido da Universidade, mesmo depois da aposentação continuava com os seus seminários e alguns cursos. Passou então a viajar com mais frequência para Itália (que conhecia bem desde a mocidade) e a leccionar em italiano nas Universidades de Pisa, Urbino, Roma e Bari. Em Itália, promoveu a reedição, nas «Edizioni di Storia e Letteratura», de trabalhos dos antigos mestres Schulze (1958) e Leo (1960) e de colectâneas de estudos próprios como *Beobachtungen zu Aristophanes* (1962), *Kleine Beiträge zur klassischen Philologie* (1964) e *Leseproben aus Reden Ciceros und Catos* (1968).

Destas obras é-me particularmente familiar o *Horace*, livro que não parece de todo simpático ao biógrafo da Academia Britânica. Tenho lido o *Horace* muitas vezes. Nele continua vivo o Professor Eduard Fraenkel tal como o conheci em Oxford, em 1948 e 1949, nas sessões de Métrica Grega em Corpus Christi College: vivacidade de exposição, amplo e profundo conhecimento das matérias tratadas, formação total de classicista para quem língua e cultura são inseparáveis; sentido de humor, às vezes ácido, e mau génio momentâneo; boas anedotas, para amenizar, sobretudo de classicistas alemães; ocasionalmente música trauteada, com preferência para Beethoven; e a pairar no ambiente da aula um entusiasmo esclarecido e comunicativo por tudo quanto dizia respeito à Grécia e Roma (1).

Das suas explosões temperamentais nunca tive que me queixar, embora assistisse inevitavelmente a algumas. E recordo, por fim, como numa tarde de Primavera, depois da aula, Fraenkel me convidou a dar com ele uma volta pelo caminho adjacente aos muros de Corpus Christi, do lado do campo. Em marcha rápida, lá

(1) Cf. A. COSTA RAMALHO, «Estudos Clássicos em Oxford», *Estudos*, Coimbra n.º 302 (Dezembro, 1951), pp. 327-336, e n.º 303 (Janeiro, 1952), pp. 24-39. Foi publicada separata.

seguimos, falando e gesticulando ambos, num pitoresco passeio só interrompido quando o Mestre parou para espreitar as habilidades de um esquilo que se escapulira sorrateiro, ao aproximarem-se os caminhantes.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

ERICH SEGAL, **Roman Laughter. The Comedy of Plautus.** Harvard University Press, Cambridge (E.U.A.), 1968, ix+229 pp.

Um livro (1) a respeito de alguns dos aspectos do cómico plautino, considerados sobre o plano de fundo da sociedade romana contemporânea do comediógrafo. O A. acentua a novidade relativa do seu tratamento da matéria: «Although no book in English has been devoted solely to the comedy of Plautus, several great continental scholars have dealt with aspects of his art, particularly in relation to Greek New Comedy. Still, no one has studied Plautus in relation to contemporary Roman culture or to the comic tradition» (p. viii). Entretanto, estas duas últimas pretensões, assim tão postas em evidência pelo A. no Prefácio, são menos verificáveis na realidade do que a promessa inicial deixava esperar. Com efeito, sobre cultura contemporânea pouco mais há do que os elementos que Plauto proporciona e a tradição cómica mais citada é a posterior ao Sarsinate.

Além da Introdução e do Prefácio, o livro compreende os capítulos seguintes: I — «O Tempora, O Mos Maiorum»; II — From Forum to Festival; III — Puritans, Principles, and Pleasures; IV — From Slavery to Freedom; V — From Freedom to Slavery; Notes, Index of Passages, General Index.

Trata-se de uma obra para o leitor culto, embora não especialista, com todas as citações cuidadosamente traduzidas. O estilo de Erich Segal é vivo e sugestivo, constituindo o livro agradável leitura, cujo interesse é ocasionalmente realçado por alusões ao teatro moderno como as que se referem à peça contemporânea *A Funny Thing Happened on the Way to the Forum* que tive a ocasião de ver sob a forma de «musical» em Nova Iorque (2) e em filme em Londres e em Lisboa. Devo dizer que o «musical» me agradou muito mais do que o filme. Sobre esta opereta americana escreveu Segal: «As recently as 1962, an unabashed *contaminatio* of the *Pseudolus*, *Casina*, and *Mostellaria* entitled *A Funny Thing Happened on the Way to the Forum* delighted Broadway audiences for almost a thousand performances, repeated its triumph throughout the world, and was transformed into a motion picture» (p. 3).

Para o A. o «Forum», ao contrário do que parece sugerir o título da opereta, é a antítese do prazer. Daí, frases como: «... funny things happen only on the way

(1) Sobre o Autor, ver neste número de *Humanitas*, «Notícias e Comentários», p. 450.

(2) Cf. *Humanitas* XV-XVI (1963-1964), pp. 429-30.